

Linguagens e Princípios Teórico-Metodológicos das Ciências da Comunicação 2

Marcelo Pereira da Silva
(Organizador)

 **Atena**
Editora

Ano 2020



Linguagens e Princípios Teórico-Metodológicos das Ciências da Comunicação 2

Marcelo Pereira da Silva
(Organizador)

 **Atena**
Editora

Ano 2020



2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Karine de Lima

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros

Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Prof^a Dr^a Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^a Dr^a Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof^a Dr^a Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof^a Dr^a Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof^a Dr^a Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof^a Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof^a Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof^a Dr^a Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof^a Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Prof^a Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof^a Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof^a Dr^a Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Prof^a Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof^a Ma. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco

Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
 Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
 Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
 Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
 Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
 Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
 Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
 Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
 Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
 Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
 Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
L755	<p>Linguagens e princípios teóricos-metodológicos das ciências da comunicação 2 [recurso eletrônico] / Organizador Marcelo Pereira da Silva. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-5706-114-5 DOI 10.22533/at.ed.145201606</p> <p>1. Comunicação – Pesquisa – Brasil. 2. Comunicação – Metodologia. I. Silva, Marcelo Pereira da.</p> <p style="text-align: right;">CDD 303.4833</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

As mudanças pelas quais os Estados-nação, as sociedades, os sujeitos e organizações têm passado em termos econômicos, culturais, políticos, econômicos, tecnológicos, sociais, identitários e idiossincráticos projetam luzes sobre os horizontes, desafios, possibilidades e perspectivas para o campo dos estudos da comunicação na contemporaneidade.

Nesse sentido, a obra intitulada “Linguagens e Princípios Teórico-Metodológicos das Ciências da Comunicação 2” debate o(s) lugar(es) do campo, da ciência e das profissões da comunicação em um mundo hiperconectado e permeado pela cultura de consumo, pelo império do efêmero e pelos imperativos das redes e mídias sociais da Internet que encorpam emergentes modos de interação, diálogo, negócios, entretanto, também, de conflitualidades, discursos de raiva, desrespeito, cancelamento e vigilância.

Entendemos, nesta obra, que a comunicação tem como horizonte: 1. A coabitação de visões e percepções, muitas vezes, conflitantes; 2. A convivência e a coabitação. Estes fatores representam um grande problema, mas podem oferecer uma prodigiosa solução quando tratamos do cenário interativo-informacional do ecossistema comunicativo, posto que porta uma vocação democrática, ampliando os espaços de fala e expressão dos sujeitos.

As linguagens e princípios teórico-metodológicos das ciências da comunicação revelam a intrínseca relação entre comunicação e democracia. Nesse universo, as redes da Internet tornam-se o epicentro da profusão e legitimação da participação, colaboração e interação entre sujeitos, organizações e Estados. Em um mundo aberto no qual cada sujeito quer ter o direito e a liberdade de manifestar opiniões a respeito de tudo – e de todos –, o ecossistema digital é um habitat propício para tensionar organizações e poderes instituídos acerca de suas práticas, posicionamentos e políticas.

O poder, antes concentrado nas mãos dos grandes conglomerados de comunicação e vincado no modelo “de um – para muitos”, no contexto da comunicação virtual possibilitou uma maior participação social, legitimando o modelo de comunicação “de muitos – para muitos”, o qual é síncrono e independente das distâncias geográficas, afetando rigorosamente as diretrizes de construção de significado e a produção de relações de poder.

Com os meios de comunicação de massa tínhamos os sujeitos tecnologicamente alijados da participação ativa no processo comunicativo, relegados à condição de excluídos do processo de construção da mensagem que chegava; hoje, os fluxos de informação, produção e disseminação são pluridimensionais. Destarte, a comunicação inclui ligações preferenciais e a preferência pelas diversidades,

conectando sujeitos a organizações, populações a instituições governamentais, ativistas a movimentos sociais e cidadãos a cidadãos. Esse mundo informativo nos convida a analisar e aplicar as metodologias, epistemologias, teorias e linguagens que emergem da consolidação da comunicação e das novas socialidades propiciadas pela cultura de conexão, convergência e participação no contexto da sociedade contemporânea.

Sob essas premissas, este e-book reúne artigos de pesquisadores de todo o Brasil que vem se dedicando a investigar a comunicação por meio de variadas facetas, levando em conta sua natureza essencialmente dialógica, humana, participativa, caleidoscópica e complexa.

Marcelo Pereira da Silva

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
CIBERTEOLOGIA: COMUNICAÇÃO E FÉ NO ECOSISTEMA VIRTUAL	
Rodolpho Raphael de Oliveira Santos Marcelo Pereira da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.1452016061	
CAPÍTULO 2	14
METODOLOGIA Z UMA PROPOSTA PARA A ENGENHARIA DE SISTEMAS DIGITAIS PARA GESTÃO DA INFORMAÇÃO	
Paulo Sérgio Araújo Luis Manuel Borges Gouveia	
DOI 10.22533/at.ed.1452016062	
CAPÍTULO 3	42
AS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TIC) E O PROCESSO DE ENSINO/ APRENDIZAGEM DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS (LE)	
Elizabeth Regina Makiko Moriya Uemura Edson José Gomes	
DOI 10.22533/at.ed.1452016063	
CAPÍTULO 4	53
A OPINIÃO PÚBLICA AINDA NÃO EXISTE? PENSANDO AS PESQUISAS DE OPINIÃO PÚBLICA NA ERA DO BIG DATA SEGUNDO AS CRÍTICAS DE BOURDIEU EM <i>A OPINIÃO PÚBLICA NÃO EXISTE</i>	
Pedro Neris Luiz Caldas	
DOI 10.22533/at.ed.1452016064	
CAPÍTULO 5	65
AS PESQUISAS DOS ANTROPÓLOGOS SARAH BOHANNAN E CLIFFORD GEERTZ E DO TEÓRICO CULTURAL STUART HALL PARA PENSAR O PROCESSO DE COMUNICAÇÃO	
Roberta Brandalise	
DOI 10.22533/at.ed.1452016065	
CAPÍTULO 6	78
COMPORTAMENTO DO CONSUMIDOR FRENTE ÀS COMPRAS EM SUPER E MINIMERCADOS NA CIDADE DE PATOS-PB	
Francisca Érika Nobrega da Silva Mariana Tomaz Silva Patrícia Lacerda de Carvalho Tatyanna Nadabia de Souza Lima Paes	
DOI 10.22533/at.ed.1452016066	
CAPÍTULO 7	92
PUBLICIDADE, CONSUMO E NOVAS TECNOLOGIAS: UM ESTUDO DOS NOVOS COMPORTAMENTOS DO CONSUMIDOR NA SOCIEDADE EM REDE	
Danilo de Souza Moura José Maurício Conrado Moreira da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.1452016067	
CAPÍTULO 8	104
DO VINIL AO STREAMING: FORMATOS DE DIFUSÃO E ARMAZENAMENTO DE MÚSICAS E	

SUAS RELAÇÕES COM A EXPERIÊNCIA DO OUVINTE

[Carlos Phillipe Kelency](#)

DOI 10.22533/at.ed.1452016068

CAPÍTULO 9 114

FESTA DE SÃO SEBASTIÃO. Espaço Simbólico e de Pertencimento Quilombola, Rio Andirá, Fronteira Amazonas/Pará

[João Marinho da Rocha](#)

[Marilene Corrêa da Silva Freitas](#)

DOI 10.22533/at.ed.1452016069

CAPÍTULO 10 124

INTOLERÂNCIA RELIGIOSA CONTRA AS DE MATRIZ AFRICANA NA MÍDIA HEGEMÔNICA: ANÁLISE DE CONTEÚDO NOS JORNAIS “O GLOBO” E “O ESTADO DE S. PAULO”

[Roberto Marcello](#)

DOI 10.22533/at.ed.14520160610

CAPÍTULO 11 137

A MULHER NEGRA COMO APRESENTADORA DE TELEVISÃO

[Ana Carolina Huertas Antonio](#)

DOI 10.22533/at.ed.14520160611

CAPÍTULO 12 149

NINJA ES: COLABORAÇÃO E COMPARTILHAMENTO NA TERRITORIALIDADE INFORMACIONAL DURANTE AS OCUPAÇÕES DE ESCOLAS CAPIXABAS

[Ana Paula Miranda Costa Bergami](#)

DOI 10.22533/at.ed.14520160612

CAPÍTULO 13 162

A QUESTÃO DA INDEPENDÊNCIA DA CATALUNHA:
UM BALANÇO DO IMPACTO MUDIÁTICO DO SEPARATISMO ESPANHOL

[Rodolfo Silva Marques](#)

[Bruno Da Silva Conceição](#)

DOI 10.22533/at.ed.14520160613

CAPÍTULO 14 176

UMA MANCHETE EM REVISTA: destacabilidade e aforização

[Luís Rodolfo Cabral](#)

DOI 10.22533/at.ed.14520160614

CAPÍTULO 15 188

EVENTOS COMO MEIO DE COMUNICAÇÃO E DE CONSUMO: UMA ANÁLISE HISTÓRICA – SOCIOCULTURAL E ECONÔMICA DOS BANQUETES AS CASAS DE EVENTOS

[Iêda Litwak de Andrade Cezar](#)

[Joseana Maria Saraiva](#)

[José Alberto de Castro](#)

DOI 10.22533/at.ed.14520160615

SOBRE O ORGANIZADOR 206

ÍNDICE REMISSIVO 207

INTOLERÂNCIA RELIGIOSA CONTRA AS DE MATRIZ AFRICANA NA MÍDIA HEGEMÔNICA: ANÁLISE DE CONTEÚDO NOS JORNAIS “O GLOBO” E “O ESTADO DE S. PAULO”

Data de aceite: 05/06/2020

Data de submissão: 05/05/2020

Roberto Marcello

Universidade Paulista – UNIP

São Paulo – SP

<http://lattes.cnpq.br/8052039580622370>

RESUMO: Este artigo pretende analisar como a intolerância religiosa no Brasil contra as de matriz africana, notadamente a Umbanda e o Candomblé, representada na mídia hegemônica brasileira, a partir dos jornais “O GLOBO” e o “ESTADO DE S. PAULO”. O objetivo é fazer uma análise comparativa entre os dois veículos de comunicação escolhidos, a partir do mesmo fenômeno, que tem sido retratado constantemente na mídia, e entender como se dá a trajetória desses registros nos dois jornais de grande circulação e analisar se há diferenças ou similaridades nos registros, visto que esses veículos têm marcas diferentes. Ocorre que os dois veículos, influenciados por seus representantes, têm seus próprios pontos de vista sobre o assunto. O artigo traz como *corpus* as edições de junho de 2012 a setembro de 2015 dos jornais citados para a

verificação dos fenômenos comunicacionais. Utilizamos como referência que, no mesmo período, foram registrados pela Comissão de Combate à Intolerância Religiosa 1.114 queixas, das quais 71% tinham como alvos as religiões afro-brasileiras, causando vários protestos. A pesquisa procurará forçosamente identificar a literatura mais importante vinculada à nossa abordagem, do mesmo modo que, na seleção dos artigos e reportagens, buscaremos identificar padrões, mudanças de ênfase, aspecto ou funcionalidade, que nos permitam tanto definir o objeto, como fundamentar a análise a ser feita, que será comparar os dois veículos de comunicação escolhidos, a partir do mesmo fenômeno, que tem sido retratado constantemente na mídia e entender como se dá a trajetória desses registros, nos dois jornais de grande circulação: O ESTADO DE S. PAULO, por ser um jornal de uma família que vem representando a elite paulista desde a sua fundação: família de católicos conservadora. O GLOBO, um jornal do Rio de Janeiro da família Marinho, desde sua fundação. Serão utilizados como ferramentas de pesquisa, os acervos digitais dos jornais.

PALAVRAS-CHAVE: Intolerância Religiosa; Ecologia da Comunicação; Análise de Conteúdo; “O GLOBO” e o “ESTADO DE S. PAULO”.

RELIGIOUS INTOLERANCE AGAINST AFRICAN MATRIX IN THE HEGEMONIC MEDIA: CONTENT ANALYSIS IN THE NEWSPAPERS “O GLOBO” AND “O ESTADO DE S. PAULO”

ABSTRACT: This article intends to analyze how the religious intolerance in Brazil against those from African matrix, notably Umbanda and Candomblé are represented in the Brazilian hegemonic media, in O GLOBO and O ESTADO DE S. PAULO newspapers. The objective is to make a comparative analysis between the two chosen communication vehicles, from the same phenomenon, which has been constantly portrayed in the media and to understand the trajectory of these records in the two newspapers of great circulation and to analyze if there are differences or similarities in the records, since these vehicles have different marks. The two vehicles influenced by their representatives, have their own views on the subject. The article brings as *corpus* the editions of June 2012 to September 2015, from the newspapers cited for the verification of the communicational phenomena. As reference, in the same period were registered by the Commission on Religious Combat and Intolerance, 1,114 complaints, 71% were targeted by Afro-Brazilian religions, causing several protests. The research will necessarily seek to identify the most important literature related to our approach, just as in the selection of articles and reports, we will seek to identify patterns, changes of emphasis, aspect or functionality that allow us both to define the object and to base the analysis on it will be made, which will be, to compare the two chosen communication vehicles, from the same phenomenon that has been constantly portrayed in the media and to understand how the trajectory of these records occurs in the two newspapers of great circulation: O ESTADO DE S. PAULO, for being a newspaper of a family that has been representing São Paulo elite since its foundation. A conservative catholic family. O GLOBO, a Rio de Janeiro newspaper of the Marinho family since its foundation. We will use as research tools of this the digital collections the newspapers.

KEYWORDS: Religious Intolerance; Ecology of Communication; Content analysis; “O GLOBO” and “O ESTADO DE S. PAULO”.

1 | INTRODUÇÃO

O artigo mostra o retrato das religiões de matriz africana nos jornais de grande circulação. Mostrando sua formação histórica e também levando a discussão em torno do respeito e a intolerância religiosa até os dias de hoje. Discussões e debates, se arrastam a anos, sobre essas religiões e por vezes, em sua maioria, é retratado negativamente pela comunicação midiática. A partir daí, será analisado: “Como é que os jornais, “O GLOBO” e “ O ESTADO DE S. PAULO”, tem retratado esse fenômeno? ”. Compreender como ocorre o registro histórico das religiões de matriz africana nos jornais de grande circulação, os quais representam de algum modo,

o pensamento das classes hegemônicas no Brasil. E verificar possíveis diferenças ou similaridades nos registros, a partir das influências das crenças religiosas das famílias controladoras dos veículos de comunicação.

Foram escolhidos alguns recortes para serem trabalhados: foram as escolhas dos cadernos dos jornais e os escolhidos foram: do jornal “O ESTADO DE S. PAULO” o “Caderno Geral” da “Edição Nacional”, e do jornal “O GLOBO”, com os editoriais “Rio” das edições “Matutinas”. O segundo recorte foi a exclusão de qualquer matéria de cunho comercial, comemorativas e festivas. O terceiro foi a escolha de inclusão de somente matérias de reportagens de maiores ocorrências e pertinentes à pesquisa. Conforme os objetivos e a metodologia acima descritos, uma justificativa básica para esta pesquisa poderá estar em contribuir para a verificação e o refinamento de certos aspectos da intolerância perante as religiões de matriz africana, notadamente a Umbanda e o Candomblé, enquanto fundamento da cultura e dos seus processos históricos. A ecologia da comunicação parece ser um caminho seguro para a garantia das referências sócio culturais da população de minorias segregadas e até certo ponto invisíveis no Brasil. Tal análise ganha importância diante das apontadas “discussões” ou “debates” dos fatos históricos, ora entendidas com veracidade, ora como inexatidão, por haver falhas históricas. A relevância da pesquisa tem a ser por conta de um problema social relevante e poucos estudos na área de comunicação.

2 | OS JORNAIS

“A hegemonia não deve ser entendida nos limites de uma coerção pura e simples, pois inclui a direção cultural e o consentimento social a um universo de convicções, normas morais e regras de conduta, assim como a destruição e a superação de outras crenças e sentimentos diante da vida e do mundo” (Gramsci, 2002b, p. 65)

“**O ESTADO DE S. PAULO**” é o mais antigo dos jornais da cidade de São Paulo ainda em circulação. Em 4 de janeiro de 1875, ainda durante o Império, circulava pela primeira vez “A Província de S. Paulo” - seu nome original. Somente em janeiro de 1890, após o estabelecimento de uma nova nomenclatura para as unidades da federação pela República, receberia sua atual designação.

O jornal foi fundado por 16 pessoas reunidas por Manoel Ferraz de Campos Salles e Américo Brasiliense, concretizando uma proposta de criação de um diário republicano surgida durante a realização da Convenção Republicana de Itu, com o propósito de combater a monarquia e a escravidão.

Primeira Sede: A Redação, administração e oficinas foram instaladas em um sobrado da Rua do Palácio, n.º14, antiga Rua das Casinhas, atualmente Rua do

Tesouro, esquina com a Rua do Comércio (atual Álvares Penteado), no Centro velho de São Paulo. Entre os proprietários do novo jornal, destacavam-se Américo de Campos e Francisco Rangel Pestana. O administrador era José Maria Lisboa, que morava com a família nos fundos do prédio.

Acidade de São Paulo desta época já se encontrava em franco desenvolvimento. A partir de 1865, quando a cidade contava com cerca de 25 mil habitantes, a ferrovia passou a influenciar decisivamente na aceleração da urbanização.

Contudo, apesar das inovações, era ainda uma pequena cidade com pouco mais de 30.000 habitantes, na sua maioria tropeiros, funcionários públicos e estudantes de Direito. Na margem oeste do Anhangabaú ainda se caçavam perdizes e se pescavam bagres em uma lagoa próxima à Estação da Luz. Em 1875 existiam mais dois jornais diários de algum porte: o “Correio Paulistano”, fundado em 1854; e o “Diário de São Paulo”, de 1865 - ambos extintos.

A importância da fundação de “A Província” deve-se ao fato de ser o primeiro grande jornal engajado no ideário republicano e abolicionista, por meio dos textos contundentes de Francisco Rangel Pestana e Américo de Campos, seus primeiros redatores.

Sua tiragem inicial era de 2.000 exemplares, bastante significativa para a população da cidade, estimada em 31 mil. Pode-se dizer que a partir de então o jornal foi crescendo com a cidade e influenciando cada vez mais a evolução política do país, com a enorme responsabilidade de ser o principal veículo da mais republicana das cidades brasileiras.

Inovação: *A Província* logo se diferenciou no mercado. Barrete branco na cabeça, uma buzina na mão e um maço de jornais debaixo do braço, o francês Bernard Gregoire saía a cavalo pelas ruas da cidade anunciando as notícias do dia. Foi um escândalo. Os jornais concorrentes chegaram a ridicularizar a imagem do jornalista – incorporada ao *ex-libris* d’ O ESTADO.

Em abril de 1877, O ESTADO muda-se para a Rua da Imperatriz, 44, atual Rua XV de Novembro. A impressora era uma máquina “Alauzet” operada manualmente por ex-escravos libertos contratados e remunerados pelo trabalho. Em 19 de outubro de 1879 foi publicado o primeiro anúncio colorido, na página 4. E em 2 de setembro de 1881, nova mudança das oficinas do jornal, da então Rua da Imperatriz (hoje XV de Novembro) para o Largo do Rosário, 53.

No início de 1888, meses antes da proclamação da República, Euclides da Cunha, então um jovem redator republicano expulso do Exército passa a colaborar com O ESTADO, sob o pseudônimo de Proudhon. Neste mesmo ano “A Província” atingia a marca de 4.000 assinantes. Em 1 de janeiro de 1890, após a proclamação da República, o jornal muda de nome. A “*Província de São Paulo*” passa a chamar-se “O ESTADO DE S. PAULO”, a tiragem dobra: 8 mil. Em 1896 a tiragem não

consegue ultrapassar os dez mil exemplares, não por falta de novos leitores, mas devido às limitações do equipamento gráfico. Porém, uma nova máquina é adquirida e a tiragem pula para 18 mil exemplares durante a campanha de Canudos, quando eram ansiosamente aguardadas as reportagens enviadas por Euclides da Cunha através do telégrafo.

Os fatos que marcaram o país e o mundo, expostos nas capas históricas do jornal O ESTADO DE S. PAULO desde 1875.

A Família Mesquita, vem representando a elite paulista desde a sua fundação do Jornal. Júlio César Ferreira de Mesquita, filho de imigrantes portugueses católicos (cristãos-novos) de Trás-os-Montes radicados na cidade de Campinas, Júlio Mesquita tornou-se o mais importante jornalista de seu tempo em São Paulo e um dos mais influentes do Brasil.

No livro “Nascidos para perder”- História do jornal da família que tentou tomar o poder pelo poder das palavras - e das armas”, o jornalista Mylton Severiano descreve: *“Os Mesquita, conservadores, sim, até quase o limite do preconceito. Mas de uma dignidade a toda prova, seja com seus jornalistas seja com o jornalismo.”* (Editora: Insular, Ano: 2012).

“**O GLOBO**” tem uma história embrionária inusitada que começa em 1911, quando o jornalista Irineu Marinho fundou o vespertino “A Noite”. Mas, depois de vender o controle do jornal a um dos sócios, mediante o compromisso de recompra das ações, o acordo não foi cumprido. As ações não lhe foram revendidas e Irineu perdeu o título do jornal.

Depois de uma viagem à Europa, Irineu Marinho entregou-se à criação de um novo jornal identificado com o Rio. Para escolher o nome do seu novo jornal, Irineu Marinho promoveu um concurso. O resultado foi anunciado em 20 de junho de 1925, com o título “Correio da Noite” aparecendo como o mais votado. Mas essa patente já tinha dono, e o jornalista decidiu-se pelo segundo nome mais votado, “O GLOBO”. Em reconhecimento aos participantes que haviam votado nos dois títulos, Irineu distribuiu 6 mil assinaturas mensais do vespertino. Foi assim que surgiu “O GLOBO”. Antigos companheiros de “A Noite” vieram juntar-se a ele nessa nova empreitada.

A primeira sede do “O GLOBO” ficava na Rua Bettencourt da Silva, no Largo da Carioca. O prédio que abrigou “O GLOBO” desde a sua fundação, em 1925, até a mudança da Redação para a Rua Irineu Marinho, já não existe mais. Ficava no Largo da Carioca, na Rua Bettencourt da Silva, com saída também para a Avenida Almirante Barroso — onde hoje funciona uma agência da Caixa Econômica Federal. Por ser um lugar central, adequava-se perfeitamente às exigências da época para um jornal preocupado em não só noticiar os fatos importantes da cidade, mas em fazê-lo com agilidade, o que implicava ganhar tempo entre a apuração, a redação

e a distribuição. Lá se instalou a primeira redação do vespertino. Consolidado, “O GLOBO” cresceu fisicamente, passou a ampliar suas tiragens e, por decorrência, a exigir mais espaço para suas instalações. O que seria resolvido com a transferência, em 1954, da sede para a Rua Irineu Marinho.

A primeira edição do então vespertino circulou no dia 29 de julho de 1925, dez dias após o aniversário de Irineu. Nesse dia foram lançadas duas edições do jornal, num total de 33.435 exemplares. Inicialmente, a distribuição ficou a cargo dos chamados “gazeteiros”.

Em seguida, “O GLOBO” chegou às bancas. Irineu juntou uma eficiente equipe de repórteres e um experimentado corpo de redatores para dar a forma editorial que idealizara para o novo veículo. Um dos princípios editoriais do vespertino era buscar a notícia em todos os setores da cidade, marca que permaneceu ao longo de toda a sua história.

Mas Irineu Marinho ficou pouco tempo à frente do “O GLOBO”. Aos 49 anos, morreu prematuramente, no dia 21 de agosto de 1925. Roberto, o primogênito, seria o substituto natural do pai, mas considerando-se ainda muito jovem para assumir o comando do vespertino, preferiu entregá-lo ao jornalista Eurycles de Matos, amigo de confiança de Irineu.

Cinco anos e oito meses após começar a trabalhar no “O GLOBO”, e tendo assumido o cargo de diretor-redator-chefe do jornal com a morte de Irineu Marinho, Eurycles de Mattos faleceu a 5 de maio de 1931. Nesses quase seis anos de casa, o jornalista baiano consolidou o vespertino criado pelo amigo Irineu. Num trabalho incansável, Eurycles preparou o terreno para a chegada de Roberto Marinho à direção do jornal. Aos 26 anos, e depois de ganhar mais experiência como jornalista trabalhando na redação do “O GLOBO”, Roberto Marinho assume a direção do jornal em 1931. A partir da edição de 8 de maio, ele passa a ocupar o cargo de diretor-redator-chefe. Roberto Marinho ficou no comando até sua morte, em 6 de agosto de 2003.

A Família Marinho, representa o jornal desde sua fundação, por Irineu Marinho Coelho de Barros. O seu herdeiro Roberto Pisani Marinho, nascido no Rio de Janeiro, católico, opunha-se a Teoria da Libertação, mas também, se dizia simpatizante do espiritismo, ao qual sua última esposa, Lily Marinho, se dizia espírita desde a década de 60.

O jornal O GLOBO sempre cedeu espaço no seu veículo ao espiritismo. Prova disso, os primeiros registros realizados datam dos anos 30: O jornal O GLOBO em 1935 enviou um jornalista, Clementino de Alencar, a Pedro Leopoldo (MG), onde vivia Chico Xavier, para investigar *in loco* a autenticidade de suas práticas mediúnicas. Publicadas semanalmente, as matérias desse jornalista ocuparam as páginas do jornal O GLOBO por mais de um mês.

3 | A PESQUISA

Lembrando, que será mostrado como foi constituído a trajetória do registro das religiões de matriz africana, mais notadamente a Umbanda e o Candomblé, nesses dois veículos de comunicação.

A criminalização das práticas espíritas, principalmente com conotação afro-brasileira, sempre foram perseguidas, muito antes da Umbanda existir. Apesar da promessa de liberdade religiosa assegurada pela primeira Constituição Republicana Brasileira em 1891, a Lei Criminal de 1890 proibia a prática do espiritismo, bruxaria e seus sacrilégios. A Lei Criminal de 1942 condenava os “bruxos” e o seu uso de atos religiosos para praticarem o mal, chamando-o de “Baixo Espiritismo”.

A expressão “Baixo Espiritismo” está vinculada à concepção de práticas espíritas tidas como criminosas, tais como, o exercício ilegal da medicina, o curandeirismo, o sacrifício de animais nos rituais e à cobrança monetária dos trabalhos realizados. Levando-se em conta, principalmente, a intencionalidade do agente ao desenvolver suas atividades religiosas, ou seja, se fica caracterizada a intenção de causar mal a outrem, é considerado “Baixo Espiritismo”. Destacamos, que essa expressão está estreitamente ligada a essa conotação da intencionalidade, que consiste na possibilidade de praticante do espiritismo explorar a credulidade das pessoas, iludindo-as para que delas possa tirar proveito em benefício próprio, inclusive, com ganhos financeiros.

“Por reprimir a bruxaria, a classe governante do Brasil acreditava que estava protegendo a saúde espiritual da nação. Por isso, a expressão “Baixo Espiritismo” é um recurso de hierarquização, utilizado pelo poder dominante, na esfera social e judicial, na medida em que se procura definir aquilo que seria caracterizado como bom ou mau em relação às práticas religiosas dos espíritas” (MAGGIE, 1992).

Lísias Nogueira Negrão, nos faz ver e confirmar que — sobretudo a partir de notícias e artigos sobre a Umbanda publicados em jornais de grande circulação como o “O Estado de S. Paulo”, aqui como fonte da pesquisa — as perseguições eram movidas tanto por aparelhos repressivos governamentais, durante e após o Estado Novo, quanto por instituições religiosas, incentivadas pela intolerância do catolicismo dominante, intensificados a partir dos anos 30 até meados dos anos 60.

Foi sob a ditadura militar que o registro dos centros de Umbanda passou da jurisdição policial para a civil, que a Umbanda foi reconhecida como religião no censo oficial, e que muitos dos seus feriados religiosos foram incorporados aos calendários públicos locais e nacionais, de caráter oficial (BROWN, 1985, p. 35-36)

Em 1968, pela primeira vez, na Imprensa, uma religião de matriz africana, a Umbanda, é colocada como força eleitoral, mencionando-se a grande votação obtida por Atila Nunes, no Rio de Janeiro, “político que não precisou fazer propaganda

para se eleger, pois tinha amigos certos na Umbanda”.

A década de 70 é rica em envolvimento políticos. Pela primeira vez se vê chefes de governos estaduais causando polêmica por causa do apoio público dado à Umbanda e outras de matriz africana, como o Candomblé. Nessa época, o presidente do Superior Órgão de Umbanda e Candomblé do Estado de São Paulo - SOUESP, era o Tenente Hilton de Paiva Tupinambá.

Na década de 80, os líderes da Umbanda eram altamente considerados e homenageados por grandes autoridades do governo. Esse período de ascensão da Umbanda foi possível graças à continuidade dos governos estaduais, reforçando e gerando a troca de favores por apoio eleitoral. A Umbanda foi muito utilizada pelo populismo da época, por ser considerada um grupo organizado e emergente.

No final dos anos 80, a Umbanda e as religiões de matriz africana, começam novamente a ver um futuro sombrio, de volta as ameaças da intolerância religiosa, agora não mais pela Igreja Católica e sim pelas Pentecostais ou Neopentecostais, liderada pela Igreja Universal do Reino de Deus (IURD).

Na década de 90, as religiões de matriz africana, principalmente a Umbanda, entraram num processo de esvaziamento em relação aos fiéis adeptos. Este refluxo tem várias causas, uma delas, é a ascensão do neopentecostalíssimo, que apresenta uma nova oferta religiosa, e utilizando-se dos meios de comunicação de massa consegue influenciar milhões de pessoas através de suas igrejas eletrônicas, por meio do rádio e da televisão (CUMINO, 2011). Nesse sentido, essas religiões tornaram-se vulneráveis aos ataques fulminantes dos neopentecostais que as demonizavam, e utilizavam termos pejorativos e muito agressivos em seus argumentos contra elas. Neste contexto, o neopentecostalíssimo vale-se da liberdade de expressão existente em nosso país, e dessa forma, não tem sua liberdade religiosa restringida pela justiça, em função “de considerar demoníacas certas crenças e práticas de seus adversários religiosos” (MARIANO, 2007, p.126).

Para Ari Pedro Oro (1997) a intolerância das neopentecostais faces às religiões de matrizes africanas, configura-se como uma prática de crime de racismo. Constituem, de certa forma, uma heterofobia, que significa, fobia do outro, do diferente de nós, o que na realidade caracteriza recusa do outro e produz belicosidade, violência e agressividade.

O preconceito surgiu com a perseguição da Igreja Católica aos cultos afro-brasileiros, sendo posteriormente reforçado por praticantes do espiritismo e atualmente, das religiões neopentecostais.

Hoje, a mesma violência persiste. O que muda, segundo Vagner Gonçalves, são os perpetuadores da intolerância. “As religiões de matriz africana foram perseguidas pela inquisição, pelo governo colonial, pelo Estado e, agora, por grupos neopentecostais, que também estão no poder na bancada evangélica”, afirma.

A seguir, verifica-se nos gráficos retirados dos acervos digitais dos dois jornais, como se configurou o verbete “Intolerância Religiosa”, ao longo de suas histórias jornalísticas.

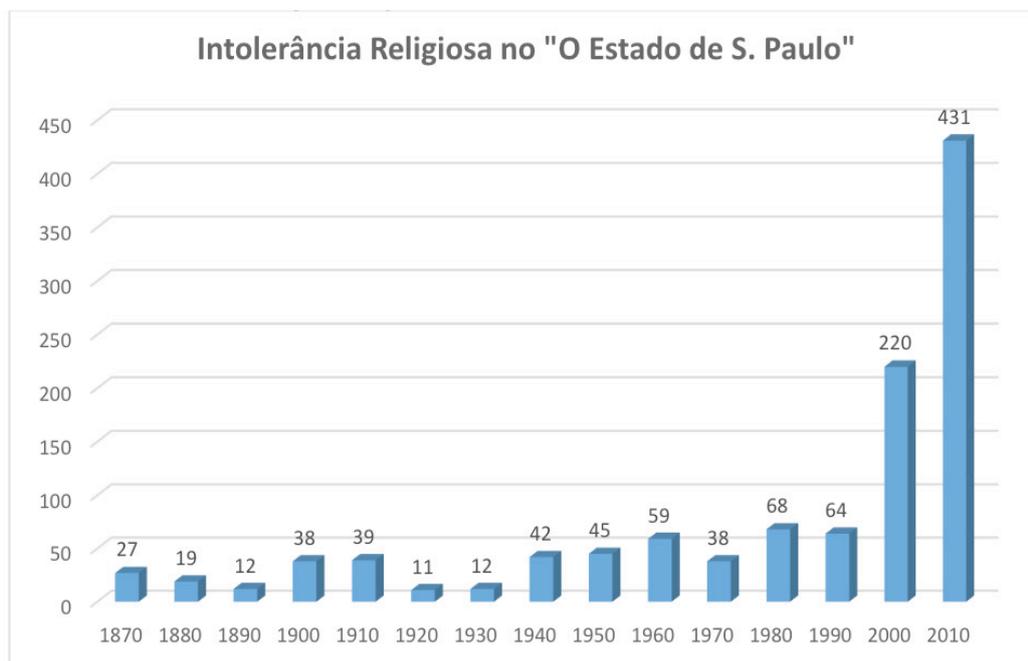


Gráfico 1: Intolerância Religiosa no jornal “O Estado de S. Paulo”

Fonte: Informações do gráfico retirado do acervo digital do jornal O Estado de S. Paulo em 15/10/2018 às 22:30hs: <https://acervo.estadao.com.br/procura#!/intolerancia+religiosa/Acervo/acervo>

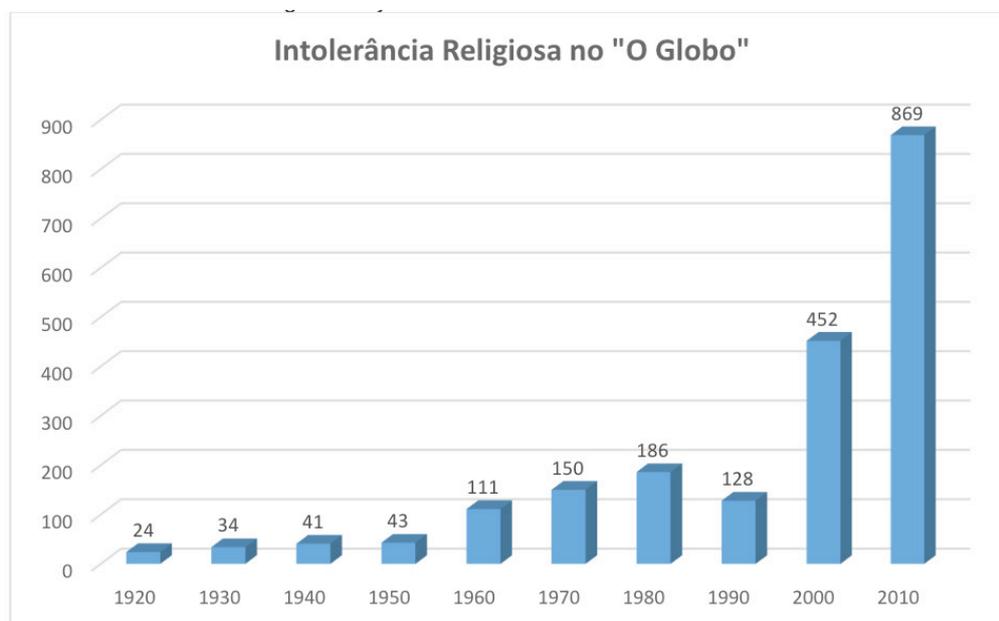


Gráfico 2: Intolerância Religiosa no jornal “O Globo”

Fonte: Informações do gráfico retirado do acervo digital do jornal O Globo em 15/10/2018 às 22:35hs: <https://acervo.oglobo.globo.com/a/?tipoConteudo=pagina&ordenacaoData=relevancia&allwords=intolerancia+religiosa&anyword=&noword=&exactword=>

Olhando atentamente os gráficos e lembrando que a pesquisa mostra a intolerância em todos os cultos religiosos sem filtragem. Verificamos no acervo do

jornal O Estado de S. Paulo, que as matérias com conteúdo de intolerância religiosa, vem desde a sua fundação. Em comparação ao outro gráfico, do acervo do jornal O Globo, verificamos, a partir da década de 1920, em comparação, no mesmo período em diante no gráfico do acervo do O Estado de S. Paulo, tirando as décadas de 1940 e 1950, em que nos dois jornais, os números de matérias foram praticamente da mesma proporção. Nota-se, uma grande diferença em quantidade de registros de matérias sobre intolerância religiosa entre os dois jornais. Praticamente, em todas as décadas o jornal O Globo, registrou em suas páginas mais que o dobro de matérias referentes a intolerância religiosa, em comparação nos mesmos períodos no jornal O Estado de S. Paulo.

A pesquisa mostra a seguir as edições de junho de 2012 a setembro de 2015 dos jornais citados para a verificação dos fenômenos comunicacionais. Utilizamos como referência que, no mesmo período, foram registrados pela Comissão de Combate à Intolerância Religiosa 1.114 queixas, das quais 71% tinham como alvos as religiões afro-brasileiras, causando vários protestos:

“protestar significa expressar sua discordância, levantar objeção, discordar, querer negar-se a algo. O protesto pressupõe a existência de espaço público, da opinião pública, e que não deve ser somente testemunhado, mas também deve conquistar a opinião alheia” (Pross 1997, p. 71)

ALGUMAS MATÉRIAS DO JORNAL “O ESTADO DE S. PAULO”

O Estado de S. Paulo: Páginas da Edição de 15 de Setembro de 2012 - Pag. 6
Haddad diz haver risco de ‘guerra santa’ e critica presidente do PRB

“O Estado laico implica combate à intolerância religiosa, e não ao contrario

O Estado de S. Paulo: Páginas da Edição de 03 de Outubro de 2012 - Pag. 14
Dilma repudia atos de radicais mulçumanos e islamofobia

“Repudiamos todas as formas de intolerância religiosa e, diante dos acontecimentos das últimas semanas...”

O Estado de S. Paulo: Páginas da Edição de 05 de Outubro de 2013 - Pag. 111
“Carta foi um avanço, mas tolerância persiste”

“A intolerância religiosa ainda existe. As pessoas ainda não conseguem lidar bem com a diversidade religiosa”

O Estado de S. Paulo: Páginas da Edição de 27 de Julho de 2014 - Pag. 123

Bê-á-Bíblia: A leitura obrigatória de versículos em escolas do município de paulista mostra o uso ilegal do poder visando a sobrepor a fé da minoria à dos demais

A proposta abusiva expressa a crescente intolerância religiosa no País e as armadilhas usadas para fazer as instituições públicas e do Estado cúmplices do proselitismo religioso.

O Estado de S. Paulo: Páginas da Edição de 04 de Setembro de 2014 - Pag. 53

Um abrangente panorama da cena contemporânea da Bahia

No palco, o elenco desmistifica costumes das religiões afro-brasileiras para combater a intolerância religiosa

O Estado de S. Paulo: Páginas da Edição de 17 de Junho de 2015 - Pag. 12
Menina leva pedrada por ser do Candomblé

Grupo vestidos com trajes brancos típicos caminhavam por avenida da zona norte do Rio: agressão teria partido de dupla com a “Bíblia” sob os braços.

ALGUMAS MATÉRIAS DO JORNAL “O GLOBO”

23 de Maio de 2013, Matutina, Rio, página 12

Religiões africanas à mercê da intolerância

Mais da metade das casas de Umbanda e Candomblé do estado já sofreu algum tipo de discriminação

De 847 casas 430 foram vítimas de intolerância religiosa

10 de Setembro de 2013, Matutina, Rio, página 12

Traficantes proíbem Candomblé e até roupa branca na favela

Pais de Santo dizem que a perseguição começou após a conversão de criminosos a religiões evangélicas

17 de Maio de 2014, Matutina, Sociedade, página 35

Intolerância: Despacho sem fundamento

Juiz nega retirada de vídeos ofensivos da web e alega que Candomblé e Umbanda não são religiões

12 de Agosto de 2014, Matutina, Sociedade, página 25

Fé Maculada: Jovens de religiões afro-brasileiras dão continuidade à tradição ancestral

Para sacerdotes, renovação assegura disseminação da cultura e diminuição do preconceito

25 de Março de 2015, Matutina, Sociedade, página 23

Guerra Santa: Choque entre Religiões

Adeptos de Umbanda e Candomblé pedem inquérito contra Universal e ‘Gladiadores do Altar’

10 de Junho de 2015, Matutina, Sociedade, página 30

Candomblé diz que perseguição religiosa levou a morte à de Ialorixá

Na Bahia, Mãe Dedé, teria infarto após protestos evangélicos

4 | ANÁLISE CONCLUSIVA

Foram escolhidos alguns recortes para serem trabalhados, citados anteriormente, para facilitar a análise de uma pequena amostragem de artigos e matérias jornalísticas:

“nem todo o material de análise é susceptível de dar lugar a uma amostragem, e, nesse caso, mais vale abstermo-nos e reduzir o próprio universo (e, portanto, o alcance da análise) se este for demasiado importante” (Bardin, 2009, p.123)

Ao passarmos para a pesquisa de levantamento das matérias jornalísticas dos períodos de junho de 2012 a setembro de 2015 dos jornais citados para a verificação dos fenômenos comunicacionais – a escolha dessa linha do tempo, dá-se, pelo levantamento feito pela Comissão de Combate à Intolerância Religiosa, que registrou nesse período, 1.114 queixas de intolerâncias religiosas, das quais 71% tinham como alvos as religiões afro-brasileiras -. Por serem os estados (SP e RJ) que sofreram mais ataques de intolerância religiosa, foram escolhidos para essa pesquisa os dois jornais de maiores circulações, que são “O Estado de S. Paulo” e “O Globo”.

Na análise gráfica dos dois jornais, notamos uma diferença em quantidade de matérias jornalísticas entre ambos. Como citado, o jornal “O Globo” tem em sua história, praticamente o dobro de matérias jornalísticas em comparação ao jornal “O Estado de São Paulo”. As primeiras análises de como ambos tratam o problema da “intolerância religiosa”. O jornal de São Paulo dá a mesma ênfase ao fenômeno do que o jornal do Rio de Janeiro.

Ao compararmos as matérias dos dois jornais no mesmo período, notamos que no jornal “O Estado de São Paulo”, as notícias sobre “intolerância religiosa”, seguem sobre o cunho mais político e de entretenimento, e quando mostra uma notícia mais contundente, vem do Rio de Janeiro e não de São Paulo, como mostra a matéria de 17 de junho de 2015.

Analisadas as notícias, aqui mostradas, do jornal “O Globo”, em comparação ao jornal de São Paulo, notamos à proximidade do jornal com o cotidiano, as pessoas e aos fatos sobre a “intolerância religiosa”. O que não acontece com o jornal “O Estado de S. Paulo”. Verifica-se, que os dois jornais têm visões diferentes sobre o

mesmo fenômeno e que a história e a formação das instituições sobre o prisma das famílias que as controlam, influenciam diretamente como tratam o fenômeno, nesse caso, a “intolerância religiosa”.

As instituições de comunicação, deveriam ser mais participativas nas comunidades minoritárias. E a ecologia da comunicação parece ser um caminho seguro para a garantia das referências sócio culturais da população de minorias segregadas e até certo ponto invisíveis no Brasil – “seres humanos tomem consciência e assumam suas responsabilidades diante do seu ambiente comunicacional” (Romano, 2004, p. 148 -149). Tal análise, ganha importância diante das apontadas “discussões” ou “debates” dos fatos históricos, ora entendidas com veracidade, ora como inexatidão, por haver falhas históricas. A relevância da pesquisa, tem haver por conta de um problema social – “Quando se desencadeia o processo de ação comunicativa que induz a ação e a mudança coletivas, prevalece a mais poderosa emoção positiva: o entusiasmo, que reforça a mobilização societária intencional” (Castells, 2013, p. 158) – relevante e poucos estudos na área de comunicação.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa, Edições 70, 1979

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança**. Rio de Janeiro, Zahar, 2013

MIKLOS, Jorge. “**O Sagrado nas Redes Virtuais: a experiência religiosa na era das conexões entre o midiático e o religioso**”. São Paulo: V Congresso Internacional de Comunicação e Cultura – O que Custa o Virtual?, 2015;

MORAES, Denis de. **Comunicação, Hegemonia e Contra - hegemonia: A contribuição teórica de Gramsci**. Revista Debates, Porto Alegre, v.4, n.1, p. 54-77, jan.-jun. 2010

SODRÉ, Muniz. **Claros e Escuros: identidade, povo e mídia no Brasil**. Editora Vozes, 1999

PROSS, Harry. **A sociedade do protesto**. São Paulo, Annablume, 1997

_____. **Estructura simbólica del poder**. Barcelona, Gustavo Gili, 1980

_____. **La violencia de los símbolos sociales**. Barcelona, Anthropos, 1983

PROSS, Harry. **Introducción a la ciencia de la comunicación**. Barcelona, Anthropos, 1987

ROMANO, Vicente. **Ecologia de la comunicación**. Argitaletxe, S.L., 2004

ÍNDICE REMISSIVO

A

Aforização 176, 180, 181, 182, 186, 187
Análise de Conteúdo 124, 157
Andirá 114, 115, 116, 117, 119, 120, 121, 123
Antropologia 40, 65, 66, 68, 69, 71, 72, 73, 77, 121, 123, 204, 205
Aprendizagem 32, 35, 38, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 153
Apresentadora 137, 139, 141, 143, 144, 145, 146

B

Big data 53, 54, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64

C

Capa de revista 176, 177, 178, 182, 186
Catalunha 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175
Ciberteologia 1, 3, 6, 7, 8, 10, 11, 12, 13
Comportamento do Consumidor 78, 79, 80, 91, 97
Consumo 65, 66, 68, 72, 75, 82, 92, 93, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 109, 110, 183, 188, 189, 190, 191, 200, 201, 203, 204, 206
Convergência 71, 72, 92, 95, 97, 99, 101, 102, 152, 153, 160, 166, 173
Cultura 1, 2, 3, 5, 8, 9, 11, 12, 13, 14, 17, 22, 31, 35, 37, 45, 65, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 74, 80, 92, 95, 96, 98, 99, 101, 102, 111, 113, 114, 121, 123, 126, 134, 136, 137, 139, 142, 143, 144, 145, 150, 152, 153, 154, 160, 161, 166, 169, 175, 190, 196, 204, 205

D

Destacabilidade 176, 178
Duolingo 42, 43, 45, 47, 51

E

Ecologia da Comunicação 124, 126, 136
Engenharia de Sistema 14
Ensino 19, 32, 38, 42, 43, 44, 45, 46, 51, 52, 97, 120, 145, 157
Epistemologia 65, 171
Estudos Culturais 65, 66, 69, 72, 73, 75

F

Fé 1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 118, 119, 121, 133, 134

Frases sem texto 176, 178, 187

I

Interconectividade 14, 21, 33, 38, 39

Intersubjetividade 14, 21, 26

Intolerância Religiosa 124, 125, 131, 132, 133, 134, 135, 136

L

Língua estrangeira 42, 43, 46, 52

M

Marketing 78, 79, 82, 83, 84, 86, 90, 91, 96, 97, 99, 100, 102, 103, 205

Memória 35, 110, 111, 112, 114, 115, 118, 119, 122, 123, 153

Metodologia 14, 20, 21, 23, 65, 78, 84, 90, 119, 121, 123, 126, 145, 157

Mídia 1, 16, 33, 35, 92, 95, 96, 97, 99, 100, 101, 107, 108, 109, 110, 111, 124, 136, 140, 141, 147, 148, 150, 152, 153, 159, 160, 162, 206

Mídias 5, 11, 13, 35, 53, 54, 59, 60, 62, 63, 64, 92, 95, 97, 99, 104, 105, 106, 107, 109, 110, 111, 112, 113, 153, 154, 167, 206

Midiativismo 149, 158

Minimercados 78, 79, 80, 81, 82, 85, 86, 87, 89, 90

Mulher negra 72, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147

Música 50, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 192, 205

O

Objetivação 14, 17, 21, 22, 24, 25, 36

Opinião Pública 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 133, 164

P

Pesquisas 21, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 69, 71, 72, 88, 145

Plataforma digital 14, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 22, 23, 26, 27, 28, 32, 33, 36, 37

Q

Questionários 53, 54, 59, 60, 62, 63, 64, 84

Quilombos 114, 115, 122, 123

R

Redes sociais 4, 5, 7, 11, 95, 96, 138, 149, 150, 152, 154, 159, 160, 161, 178, 206

Requisitos 14, 23, 32, 36, 40, 41

Revista semanal 176, 178

S

Semiótica 71, 104, 105, 107, 112, 113

Separatismo 162, 163, 164, 168, 170, 172, 174

Sociedade 2, 3, 4, 5, 6, 7, 10, 12, 13, 24, 26, 27, 28, 34, 39, 41, 42, 44, 55, 59, 67, 72, 82, 92, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 102, 114, 134, 135, 136, 137, 139, 140, 141, 144, 146, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 158, 159, 163, 165, 190, 195, 200, 201, 203, 204, 205

Subjetivação 14, 17, 21, 23

Supermercados 78, 79, 80, 81, 85, 86, 87, 88, 89

T

Televisão 93, 101, 131, 137, 139, 141, 142, 143, 144, 145, 148, 153, 201

Territorialidade informacional 149, 154, 157, 158, 160

Tradição 8, 12, 68, 114, 118, 119, 121, 123, 134

 **Atena**
Editora

2 0 2 0